

## + ECONOMIA

Marta Sfredo

marta.sfredo@zerohora.com.br  
gauchazh.com/martasfredo  
3218-4701

Com Anderson Mello anderson.mello@zerohora.com.br 3218-4757

SUSTO COM TURQUIA  
DEVE SER UMA LIÇÃO

Depois de um salto na sexta-feira e outra elevação na segunda, o dólar se acalmou ontem no Brasil e fechou com baixa de 0,78%, para R\$ 3,867. O alívio, reforçado por alta de 1,43% na bolsa, veio com redução da pressão na Turquia. Mas nem o Ibovespa nem o câmbio voltaram aos níveis anteriores à onda de turbulência.

O desequilíbrio que levou ao tremor turco não está resolvido. O governo de Recep Erdogan adotou medidas paliativas, que passam longe de solução estrutural. Isso significa que o risco pode voltar a subir, arrastando consigo mercados financeiros de países como o Brasil.

A inquietação com as fragilidades dos emergentes se intensificou desde que ficou claro que os juros nos Estados Unidos caminham para a normalização. Com taxas muito abaixo do habitual, ainda por conta da lenta saída da crise de 2008, o país que imprime dólares havia se tornado um polo negativo de atração de investimento financeiro por não oferecer remuneração apetitosa, apesar do baixo risco. Isso abriu espaço para busca de maior rendimento, mesmo com incerteza.

Esse cenário desapareceu depois dos sinais de que os títulos do Tesouro americano voltarão a render como no passado. Todas as pressões sobre emergentes ocorreram desde que isso ficou claro para os investidores. Foi o que levou a Argentina à crise cambial que redundou na adoção do maior juro básico do mundo e na volta ao Fundo Monetário Internacional (FMI). Foi também o que testou a resistência de Erdogan a elevar o juro básico na Turquia. Quando a Argentina "caiu", havia sinalização de que o próximo alvo seria a Turquia.

Agora, o Brasil precisa dar sinais de que não permitirá se tornar a próxima "bola da vez". Tem diferenças significativas em relação ao país de Erdogan. A primeira é a dívida externa. Enquanto lá chega a 50% do PIB, aqui mal passa de 7%. Outra é o volume de reservas cambiais (US\$ 380 bilhões, quase quatro vezes o mantido pela Turquia, de US\$ 100 bilhões). O maior fator de risco do Brasil é a trajetória da dívida pública. Embora quase toda em reais, disparou, em quatro anos, de confortáveis 50% para 75% do PIB. Crédito é mais caro para quem deve muito.

DUAS EMPRESAS DA CONSTRUÇÃO CIVIL DISCUTEM UMA FUSÃO. SE FOR FECHADO, O NEGÓCIO EMBUTE AMBICIOSO PLANO DE EXPANSÃO.

A INTENÇÃO É CRIAR UMA EMPRESA LÍDER NO ESTADO NO SEU SEGMENTO, COM CAPITAL TOTALMENTE GAÚCHO. A ESTRUTURAÇÃO DA OPERAÇÃO LEVOU CERCA DE SETE MESES E É CONDUZIDA PELA BATELEUR, DE PORTO ALEGRE, ESPECIALISTA EM FUSÕES E AQUISIÇÕES.

## "BRASIL MATA O EMPREENDEDOR"

Aos 90 anos, o empresário Paulo Vellinho está lançando um livro. Escolheu contar casos, não fazer uma biografia. Com uma trajetória de seis décadas de empreendedorismo, Vellinho marcou o processo de industrialização do Estado. Nos anos 1950, diante dos desafios da produção, adotou postura de startup para criar a Springer, que depois se associou à americana Carrier e foi vendida à chinesa Midea. De certa forma, uma trajetória bem brasileira.



A realidade me levou a um tipo de solução interessante, terceirizar tudo, estava 40 anos à frente. Pode transferir o custo da produção terceirizada e lançar produtos no mercado. Havia preconceito sobre o ar-condicionado. Dizia-se que matava velho, criança, dava pneumonia. Não quis acreditar que não havia espaço em um país tropical e com um inverno horrível. Falaram para esperar, não esperei, fiz. Mas levei dois anos para aprender a vender. Um americano com cadeia de lojas em Boston me ensinou que tem de ser no corpo a corpo. Tem de escolher 10 formadores de opinião, vender 10 e, depois que eles estiverem satisfeitos, pedir para indicar mais 10."

## CASOS, NÃO BIOGRAFIA

"Quis relatar casos, conto sucessos e fracassos. Inovei muito em tecnologia de processos, porque não tinha capital para fazer a empresa do nada. A Springer era pequena, fazia cem geladeiras por dia. Fui aos Estados Unidos, meu sonho de adolescente, por causa do cinema. Sempre fui fascinado pela sociedade americana, onde a classe média era dominante, podia satisfazer os desejos de conforto e bem-estar. Lá, vi tecnologia de processo e produto. Só me dei conta de que não era adaptável. O custo do capital e da mão de obra se cruzam. Lá, a mão de obra é cara e o capital, barato. Aqui, era o contrário."

## FRACASSOS

"Sou vanguardeiro, lancei a geladeira de duas portas, lado a lado, em 1972, 30 anos na frente do concorrente. Não deu certo por detalhe. As portas americanas tinham a mesma dimensão da geladeira. Para instalar, tinha de tirar a porta, passar o corpo e remontar, não deu."

## AMBIENTE DE NEGÓCIOS HOJE

"O Brasil é desorganizado, mata o empreendedor. Quem ousa corre o risco de não poder fazer. É uma tragédia, injusto. Eu felizmente peguei uma fase da indústria brasileira em que tudo estava por fazer e os governos eram mais estáveis. Hoje, não tem governo."

## À FRENTE DO TEMPO

"Voltei de lá embalado, mas caí na real. Não tinha dinheiro, nem da empresa, nem dos sócios. Usei o seguinte raciocínio: ter produtos de vanguarda.

Para a tradicional publicação **Melhores e Maiores**, da revista **Exame**, a **Lojas Renner** foi a **Empresa do Ano**. O faturamento de **R\$ 2,2 bilhões** e o lucro de **R\$ 221 milhões** obtidos em 2017, ano de tímida reação no varejo, foi o destaque.

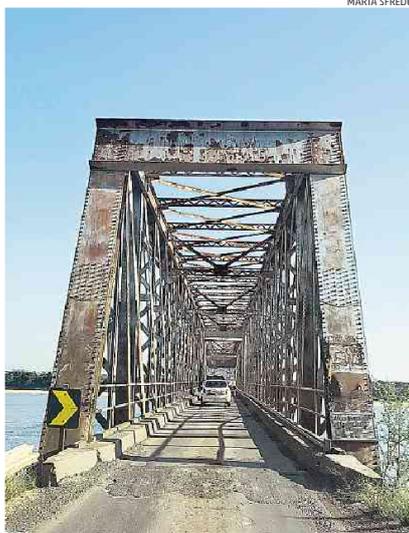
GAÚCHAZH.



## PONTE PRECÁRIA

O colapso da ponte Moranti, em Gênova – um viaduto, na verdade –, volta a inspirar preocupação sobre o presente e o futuro da ligação entre São Borja e Uruguaiana. A estrutura de metal e cimento sobre o Rio Ibicuí, na BR-472, foi inaugurada em 1888, ano da Lei Áurea.

É 1,3 quilômetro de mão única. É preciso esperar na sinaleira a inversão do fluxo. Além da estrutura abalada pelo tempo, a pista está cheia de buracos. E não são apenas falhas, mas crateras profundas. Atravessar de carro é uma aventura, de caminhão é um teste de perícia. Como é uma das portas de circulação do Mercosul, passam por ali cerca de 800 caminhões por dia. Em 2014, depois que ZH publicou extensa reportagem, o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit) afirmou que ainda naquele ano haveria uma nova ponte. A coluna ainda tenta saber se é possível tapar os buracos.



## A NOSSA PARTE

## PARA LAVAR ROUPA EM PÚBLICO

O projeto social Lavanderia de Rua tem apoio da Vival Borrachas, com sede em Nova Prata. Funciona desde maio, em Porto Alegre, e lavou 200 peças de roupas de moradores de rua. Organizado e realizado pela ONG Centro Social de Rua, é vinculado à ação Banho Solidário, que funciona desde 2016 e atingiu mais de 5 mil pessoas em vulnerabilidade social. O Lavanderia

de Rua circula com reboque adaptado e equipado com máquinas de lavar e secar. A estimativa é de que, até o final do ano, a ação higienize mais de 700 peças e ultrapasse uma dezena de edições.

Arlindo Paludo, presidente da Vival Borrachas, afirma que a empresa vê a iniciativa como compromisso social e valoriza projetos que beneficiem pessoas em vulnerabilidade.

## PETROBRAS HESITA EM VENDER PETROQUÍMICA

O que era especulação começa a ganhar contornos mais claros. A direção da Petrobras hesita em seguir sua sócia na Braskem, a Odebrecht, e vender sua participação na petroquímica, dona do polo de Triunfo. Para os envolvidos no outro lado das tratativas, é uma supresa. Até agora, os negociadores da Odebrecht viam a reticência da estatal apenas como uma precaução necessária, com objetivo de avaliar bem todas as possibilidades antes de tomar a decisão final.

Agora, cresceu a resistência interna na Petrobras, com argumento de que outras petroleiras verticalizam a operação, ou seja, produzem do petróleo até a resina. A estatal é que ficou sob pressão: com a liminar do ministro Ricardo Lewandowski, do Supremo Tribunal Federal, não pode vender negócios sobre os quais tem controle. No caso da Braskem, esse impedimento não existe. E o resultado da venda poderiam ser polpidos R\$ 15 bilhões a R\$ 16 bilhões. É um senhor dilema.